

criação



Lenora

Rodrigo Ribeiro Frias

Em memória de Artur eternamente vivo no céu onde eviscera seres inferiores

I a menina do sótão

Conheci Lenora; antes de a população terrena verter o próprio mundo em um átomo, ruminando inutilmente retalhos de cultura em suas moradas, desnudar-se a criatura invisível, luminosa, cancerígena, capaz de devorar milhões em segundos a pretexto de uma cura, nascer e definhar a Noite dos Mil Anos, cuja sombra entre nós ainda paira, a Prostituta Vermelha ganhar e perder corpo, deixando órfãos erradios pelo planeta e o Cobre dos Tempos instaurar-se em sua morada definitiva como templo, propondo a todos igualdade em troca de suas almas como paga, contava sete anos. Era Palas encarnada que brincava no sótão quando a Dona Negra veio vê-la dançando suave melodia: a tudo cobriu com o manto, serpente em busca da própria cauda para devorá-la, fincou a vara no solo luzidia e disse vai, apontando para o túnel. Lenora disse não quero, mas a Dona Negra insistiu e foram.

Lenora quis apanhar os pássaros, fábricas de ovos inventadas pelos ovos, a vida pela frente: atravessou a janela, rostinho azul pela vidraça: a boneca na caixa o quadrado no jardim lágrimas arando o túnel e os vermes e os mortos.

Lenora encontrou o gato atropelado coberto de insetos desgrudou-o e perguntou quer ser meu gatinho ele disse quero. Levou-o para o sótão deu banho e serviu leite na tigela. Colocou ao lado do ursinho.

Lenora no campo semeado perguntou ao morto quem é você. Ele respondeu um soldado. Lenora perguntou por que lutou soldado. Ele disse não sei. Lenora virou-o estava sem olhos sem língua as aves devorando a carne mas perguntou quer ser meu amigo e ele disse quero a ave bicando o crânio.

Lenora capturou o esquilo no bosque e perguntou coelho felpudo quer ser meu amigo ele disse não e devorou as bolas a dentadas para morrer de hemorragia.



O Cão Preto convidou Lenora para a ceia compartilharam nacos de carne crua e tragos de vinho tinto seco em abundância. Mas tarde... O Fantasma Vermelho gritou a Lenora no sótão devolva meu cadáver. Moral: "Nem tudo o que está sobre a mesa deve ser devorado."

Lenora estava no sótão bateram na porta ela perguntou quem é.

A Peste disse sou eu. Lenora ficou assustada e gritou vá embora.

A Peste falou não quero e Lenora perguntou o que você quer.

A Peste disse quero uma alma pálida vomitando sangue magrela de olhos arregalados com febre alta e dor. Lenora entregou o urso de pelúcia e o gatinho para ela e falou

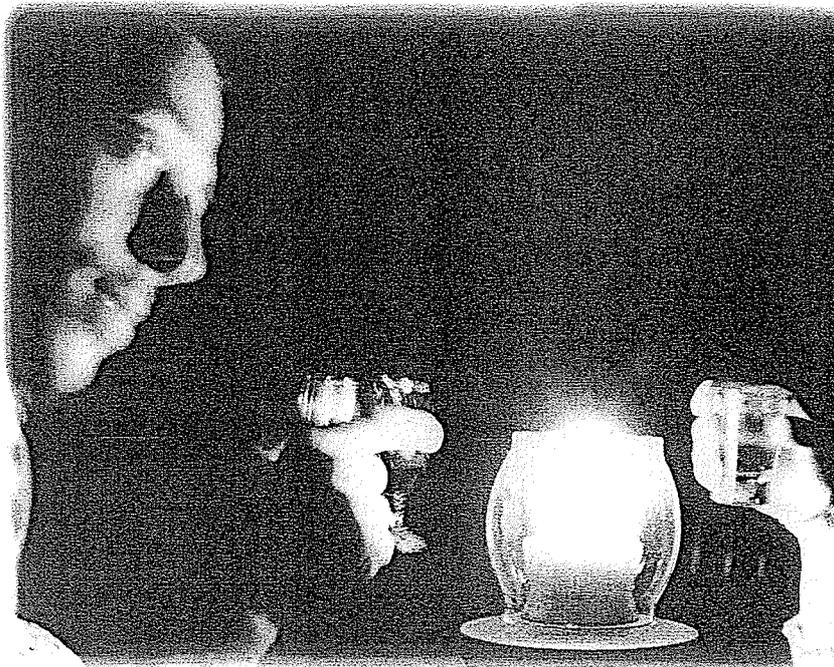
tome. A Peste apanhou os dois agradeceu e foi embora.

A vida é irônica em suas leis naturais. A bela Lenora morta deixou o mundo sem o provar e agora quer sorvê-lo pela carne: deseja o jovem na biblioteca emaranhado. Disse ao rapaz quero você mas ele riu: graduandos não namoram garotinhas mortas. A triste Lenora quis uma carícia ao menos, mas profunda: eliminadas as diferenças entre os dois encontram-se ambos no sótão agora.

Lenora despertou na cripta: perfumarias e o jovem no interior do círculo. Perguntou sobre o futuro, ela disse serás como eu morada de vermes. Ele chorou, olhos azuis em carne branca.

Sob a abóbada os santos de pedra. Lá fora demônios nas torres e no telhado. Lenora no banco, o Velho Porco Castrado ao lado envolto em vermelho e branco. Lenora perguntou e meus pais, o velho disse estão a teu lado. Ela perguntou vou para casa agora ele respondeu tua casa é a terra. Lenora disse mas eu caminho sobre a terra e ele gritou não é natural: vá para o sótão agora. Jesus voltou foi estripado e morto por homens de toga. Não é natural: poderás destruir a instituição que a partir de teu cadáver propagaste. Lá nas torres os demônios riem pela eternidade.

Lenora perguntou ao enforcado quem é você. O homem azul respondeu sou o visionário o poeta o amaldiçoado: o signo na fronte me renega consome queima e liberta. Lenora pediu canta como foi tua vida. Ele balbuciou: andarilhar soturno em solo agreste semear vocábulos ao léu. O homem azul em cova rasa contemplava sôfrego constrangido roendo e remoendo o próprio crânio



as placas carcomidas fixadas em mármore perene os pássaros acima em coro ao sacro: crá, crá.

Nas galerias Lenora encontrou o Velho Artista faminto e perguntou pobretão quer ser meu amigo e ele disse quero. Os dois entraram mais e mais fundo e encontraram a Sombra Olhos Vazios que sorria. Lenora teve medo e perguntou o que você quer a sombra riu e gritou quero tocar mais um par de olhos para ter outro como eu. Lenora empurrou o mendigo e disse tome. A sombra vazou os dois olhos gargalhou escorrendo e foi embora, o velho gritando aí que dor os meus olhos por que meu deus os meus olhos.

Lenora pisoteava os ossos dos mortos quando o vulto de um homem perambulando em covas rasas atrás da estatuária assustou-a magrelo cabisbaixo derrotado flores amarelas na mão. Lenora veio e pediu dá uma flor e ele deu e sorriu sereno. Ela apanhou sua mão e pediu conta uma história. O homem vivo contou: Gostávamos de caminhar no centro velho entre transeuntes praças construções arquitetura antiga prostitutas sob arcadas livros velhos cerveja barata fumo marginais tardes chuvosas. Eu a garota e o beco. Eu desconhecido em sua mesa, o pequeno quarto de motel, o cobertor velho, os rostos ilustres cinzas, o sexo ébrio solene na tarde velha.

O pó dourado. Ossadas. Vegetação rala. O sol sangüíneo a céu aberto. O ar escasso, o vento ausente, o plano inerte. Lenora na terra desolada, o Artista Cego ao lado, encontrou a dama de rendas e perguntou quem é você. Ela disse eá sou a Rainha da Carne Seca e Lenora perguntou o que você quer ela respondeu eu quero um corpo parco para beber até secar como faço em meu reinado tão amplo a perder de vista. Lenora empurrou o velho e disse toma. Depois foi embora, a sombra chupando o morto.

Encontraram o corpinho na varanda: porque pulou ninguém sabia. Estava ali apenas, inerte, as costas contra o céu, o rostinho perfurado pela vidraça e multiplamente quebrado pelo calçamento. Poderia ter sido crueldade: a mesma crueldade que induz uma linda garotinha morta a, contando sete, brincar de cirurgiã desbravando os corpos de insetos vivos: agora amputarei uma asa, pensaria, ou uma patinha, ou friccionarei um fósforo aceso sobre o corpinho para descobrir o que acontece. A própria crueldade evolui em tamanho e intensidade ao longo do tempo: evisceram-se, deste modo, baratas, lagartixas, passarinhos. Rasgou certa vez um gatinho miando. Brincava também de trancar o bebê no armário, deixá-lo cair e queimá-lo. Brincou na escolinha, com amigos e entre amigos, induzindo este a pular do telhado e aquele a envenenar a caixa d'água, e assim por diante. Pois estava morta, talvez seu maior triunfo: dilacerou a si própria para descobrir, dentro de si, a dor, e para provocar a dor nos pais, nos entes amados, tornando-os mais cinzas. Vive agora no sótão onde reina: tornou-se a Rainha do Sótão e brinca hoje de cirurgiã dos homens: surge-lhes em espírito para destruir seus sonhos, amputar desejos, descosturar esperanças: alimenta-se dos tecidos inconscientes onde eternamente vingará. Um brinde a ela, a linda garotinha morta renascida entre os mortos para eternamente entre os mortos caminhar.





II literatura infantil

Senhora Dona Morte coberta de ouro e prata
carrega a menina em tripas enforcada.

Boi boi boi boi da cara preta piosoteia essa
menina contorcida em careta.

Dona Aranha subiu pela parede picou a garotinha
repleta de veneno.

Um dois será pasto de bois três quatro virou
pasto cinco seis agora é a sua vez sete oito será
pó de osso nove dez será mutilada.

III pérolas moraes

Instruções para espancar um epilético

Aguarde o epilético, preferencialmente um garoto de seis anos, tombar ao solo; se for vítima de convulsões ou estiver apenas inconsciente não importa: ele estará espumando, maxilar travado. Apanhe uma vassoura, simulando pânico, e, gritando oh meu deus ele está possuído pelo demônio, espanque-o violentamente até a morte.

Instruções para queimar um mendigo

Apanhe seu carro à noite para não ser incomodado. Providencie um líquido combustível inflamável, como gasolina, álcool ou aguardente. Tenha em mãos um isqueiro zippo, desses que não apagam com o vento. Procure um mendigo de tamanho médio; preferencialmente envolto em trapos: encharque-o com o líquido combustível inflamável e acione o isqueiro perto de uma das extremidades do corpo. Diversão para a toda família.

Como arrastar a prole: um exemplo

A mãe miserável, arrastando sua prole, enfurece-se com o menor, pois ele recusa-se a, como os demais, marchar ao passo pela calçada. Em um acesso histérico, espancando o garotinho, grita: "Tá andando atravessando a rua, e se o carro mata? Qué dexá eu loca? Criança do caralho!"

Sobre a apreciação da beleza interior de uma garota nua

O amante nu, mergulhado na poltrona, observa o delicado corpo nu, levemente acre, estendido em lençóis finos. Ele fuma, garrafa de água vazia aos pés, a garota inerte. Fixa os olhos pausadamente no límpido antebraço direito. Ergue-se leve, vai ao criado-mudo, apanha a navalha e tece



um corte transversal na carne fresca, retirando-lhe delicadamente o antebraço para não parti-lo. Embrulha-o em uma fronha, limpará mais tarde, guarda-o, retalha e embrulha o corpo nu nos lençóis, guarda-o no porta-malas, volta ao quarto para banhar-se.

Da tranqüilidade

Se a linda garotinha, tua filha, ao dirigir-se entusiasticamente em tua direção, torcer o pé e tombar ao solo urrando, limita-te a perguntar a ela: “Será que quebrou?”

Dos regozijos infantis

A mãe serena, impassível, contempla o robusto rebento no jardim em meio aos coleguinhas. O filho, no banco de areia, encontra-se a ser surrado por três maiores. A mãe suspira, olhos distantes, apanha a bela boceta do garoto e diz: “Lucas”, ao que ele grita deitado: “Mãe, eles tão me batendo”. A mãe sorri, afaga-lhe a cabeleira, e diz: “Lucas, vamos! Amanhã você continua brincando”.

IV história da loucura

A mãe diz pare de chupar o dedo porque o homem do facão o cortará o menino não ouve e chupa vem o jardineiro e corta o outro também.

O menino no cubo os vermes ao redor enfileirados dormindo, a jovem professora de peitos grandes ensinando: brochar é bom. Depois mais aulas a jovem professora de peitos grandes rodopiando entre carcaças gemendo a dor é inerente sofram mais. O sabão na língua para não falar caralho e ter a boca perfumada vomitando pérolas a pedra na mão para não escrever com a mão errada e virar destro à imagem e semelhança do Porco Castrado que dorme no céu com os anjinhos. A jovem professora de peitos grandes debruçada na carteira sorrindo a régua na mão dizendo: não me toque. Os dois gatinhos dizem ao menino não brinca com fogo menino levado o menino não ouve e brinca com fogo agora há um gatinho chorando uma gatinha soluçando e um punhadinho de brasa estalando.

No planalto. Ele correu forte, não queria explodir: gemeu, aspirou sangue. Queria masturbar. Chovia.

Pálpebras semicerradas, o chão abaixo ruindo. Roupa ensopada, boca seca. Ventania, árvores esparsas. Pedras, cascalho, conchas. O jovem, expressão serena, nunca beijou: desconhece inerte sobre a areia o calor aquoso do corpo alheio. Tarde da noite, o luar por testemunha, as aves rasgam-lhe a pureza: levam a carne do cadáver assustado.

O menino no sótão brinca de explorar angústia o tempo vai o dia passa. Traquinagens a prataria da casa empoeirada ausência de o deus demônio bruto e belo a tarde passa. No sótão o tempo ausente a voz estranha bruta a garotinha morta o acompanha.



V uma partida de xadrez

Sua vítima preferida é a mulher, a malícia sem medidas, a expulsão. A mulher é o mal.

O sangue humano recolhido em tais sacrifícios distribui-se à irmandade para comprometerem-se mais e mais em seu pacto demoníaco.

Pisoteei os ossos, ovelhas no pasto, o sangue o sêmen o pasto a colheita. O menino dourado pranteou. Beijeí, afaguei o corpo, o pau dourado, menino tão lindo aquele em vida, tão bonito...

Ora, pratica caridade, alimenta-te com moderação, ama ao próximo e lhe perdoa. Que a paz do Senhor esteja contigo. Amém.

VI natureza morta

Germina, ara, aduba: lança sob o arado ananás touro malhado. Percorre o campo lavrado: nos tempos do deus Sal, liberdade: palavra estranha aos ossos dos mortos. O corpo de Cristo o sol no Nilo afogado: Ka, a imagem boa ou má do homem. O demônio com as tripas do gato confinado, depois os registradores de sonhos à procura do interior na terra desolada, águias estraçalhando a mandala em pano rubro, a Grande Mãe assassinada, os filhos lançados ao mundo, a linguagem transmental, a nova batalha entre o Onipotente e o Roncador.

Armaduras inertes: o campo contemplado pela estatuária, aves devorando em coorte a quem triste belo empunhara uma bandeira morada de vermes. Na praça, na arena, o galope trôpego das bestas libertas os vivos raros andarilhos o herói sonhando com os braços da amada coagula a perfuração seca da carapaça. A turba a tudo abraça, carrega a paragens mais soturnas, paixões inaudíveis, o passado e o futuro, teu corpo e o medo, o ventre, a lua, vitória: estranharia caso ouvisse tal palavra.

Ruínas perenes: o tempo perdido a conquistar. Imagens de animais abatidos em caça, rostos de amados idos, paisagens. É noite: a Dama entoa melodia antiga à Justiça, sua irmã; o amante dança com a Dama Rubra, cordas, tecelãs, marés: serena, aguarda.

Se o amante entre dois caminhos opta pela carne aspirando a uma vida terna devora a vida como carne e os fiapos presos entre os dentes apodrecem: trazem consigo devoradores em coorte. Se opta pelo intelecto arranca as bolas em gesto bruto e as devora. Se empunha a espada, a tudo rasgo, semeará, em seu tempo, o vale; se carrega a cruz vergará, em seu turno, esmagado pelo infortúnio: antepasto de vermes.

Ruínas de Atenas, cento e quarenta e quatro mil gemidos, a lâmina imunda o líquido espesso a



mulher em mármore a bela dama imóvel o espetáculo da carne. A Peste.

Num um dia qualquer, esperança, desapareceu.

Despedida de Lenora

Encontraram o corpinho na varanda: porque pulou ninguém sabia. Estava ali apenas, inerte, as costas contra o céu, o rostinho perfurado pela vidraça e multiplamente quebrado pelo calçamento. Poderia ter sido crueldade: a mesma crueldade que induz uma linda garotinha morta a, contando sete, brincar de cirurgiã desbravando os corpos de insetos vivos: agora amputarei uma asa, pensaria, ou uma patinha, ou friccionarei um fósforo aceso sobre o corpinho para descobrir o que acontece. A própria crueldade evolui em tamanho e intensidade ao longo do tempo: evisceram-se, deste modo, baratas, lagartixas, passarinhos. Rasgou certa vez um gatinho miando. Brincava também de trancar o bebê no armário, deixá-lo cair e queimá-lo.

Brincou na escolinha, com amigos e entre amigos, induzindo este a pular do telhado e aquele a envenenar a caixa d'água, e assim por diante. Pois estava morta, talvez seu maior triunfo: dilacerou a si própria para descobrir, dentro de si, a dor, e para provocar a dor nos pais, nos entes amados, tornando-os mais cinzas. Vive agora no sótão onde reina: tornou-se a Rainha do Sótão e brinca hoje de cirurgiã dos homens: surge-lhes em espírito para destruir seus sonhos, amputar desejos, descosturar esperanças: alimenta-se dos tecidos inconscientes onde eternamente vingará. Um brinde a ela, a linda garotinha morta renascida entre os mortos para eternamente entre os mortos caminhar.

